

O Julgamento Ético-Político das Ciências e das Artes em Rousseau

Adriano Melo MEDEIROS¹

Resumo

O objetivo deste artigo é apresentar o exame que Jean-Jacques Rousseau faz do estado das ciências e das artes no século XVIII e apreciar criticamente os juízos e conclusões por ele apresentados, tendo em vista evidenciar os princípios éticos e políticos que guiaram estas análises e suas obras subsequentes. Utilizando-se de uma abordagem qualitativa numa pesquisa bibliográfica, procura-se demonstrar que o referido filósofo desenvolve sua apreciação do assunto em tela a partir de pressupostos que conduzem-no a concluir que as ciências e artes promovem mais vícios que virtudes, tanto para os indivíduos quanto para as sociedades. Apesar desta situação, ele acredita ser possível que ambas sejam causa do bem, uma vez que a causa da corrupção delas está ligada ao modo como a sociedade, e em particular quem detém o poder, lida com o Saber. Nestes raciocínios estão presentes os fundamentos desta sua primeira obra filosófica e a base das seguintes, o que nos leva a concluir que, sem torná-los manifesto não é possível avaliar o mérito, ou demérito, do conjunto de sua filosofia.

Palavras-chave: Ética, Filosofia política, Estética, Iluminismo.

The Ethical and Political Judgment of the Sciences and the Arts in Rousseau

Abstract

The objective of this paper is to present the examination that Jean-Jacques Rousseau makes of the state of science and arts in the eighteenth century and assess critically the judgments and conclusions forward by him, in order to highlight the ethical and political principles that guided this analysis and subsequent works. Using a qualitative approach in bibliographical research, seeks to show that the aforementioned philosopher develops his appreciation of the subject at hand from the presuppositions that lead him to conclude that the sciences and arts promote more vices than virtues, both for individuals and for societies. Notwithstanding this situation, he believes it is possible that both are cause of good, once the cause of the corruption of them is connected to the way society, and particularly who holds power, deals with the knowledge. In such arguments are present the foundations of his first philosophical work and the basis of the following, this situation leads us to conclude that, without making them manifest is not possible to assess the merit or demerit, the set of his philosophy.

Key Words: Ethics, Political Philosophy, Aesthetics, Enlightenment.

¹ Licenciado e Bacharel em Filosofia. Mestre em Filosofia. Professor de Estética do Curso de Artes Visuais da Universidade Federal de Roraima. E-mail: adriano.medeiros@ufr.br.

A Europa do século XVIII é geograficamente maior em relação a do século anterior. Com a reincorporação de parte das terras que pertenciam ao império Turco e com a expansão em direção ao leste a Europa dobra de tamanho. É também uma Europa mais populosa em virtude da duplicação do seu conjunto de habitantes entre os anos de 1700 a 1800² e do aumento da expectativa de vida³.

O aumento populacional e geográfico, juntamente com o aperfeiçoamento das técnicas agrícolas e a melhoria no armazenamento das colheitas irão promover um ligeiro aumento na produção e, conseqüentemente, nos rendimentos e na qualidade daquilo que se come. “Pela primeira vez, um homem que trabalha fornece alimento a três homens que não trabalham, um homem que trabalha na terra fornece comida a doze ou quinze de seus semelhantes” (CHAUNU, 1995b, p. 17). Com isso, mais homens são liberados do trabalho agrícola e podem se dedicar a outros setores de produção, além de promover a urbanização dos estados europeus⁴. Situação que repercute profundamente em toda a economia.

Essa nova Europa é espacialmente e temporalmente imensa. O mesmo tempo que se gasta para ir até a América gasta-se para atravessá-la de norte a sul e de leste a oeste. Contudo, mesmo sem uma mudança significativa nos meios de transporte e apenas com aperfeiçoamentos nas vias de transporte na Europa Central, houve uma redução de 10% a 20% na relação distâncias-tempo. Redução que pode parecer insignificante nos dias de hoje, porém bastante expressiva para um tempo em que uma viagem

² A nova Europa do Leste conta com um crescimento de 200%. A população da Noruega passou de 440mil habitantes em 1665 para 883 mil em 1801; a Suécia passou de 1.450.000 em 1720 para 2.347.000 habitantes em 1800; A Finlândia passa de 305.500 para 833mil habitantes em 1800; Os estados da velha Áustria passam de 5,5 milhões em 1725 para 8,5 milhões em 1789; A Hungria passa de 1,8 milhões em 1850 para 8,5 milhões em 1789. Na Europa Mediterrânica o crescimento é de 90% na península ibérica (7 milhões de habitantes em 1700, um pouco mais de 13 milhões em 1800) e de 35% na itálica (13,4 milhões em 1700, 18,1 milhões em 1800). A Europa Central, incluindo a Grã-Bretanha, cresceu 70%, (passa de 33 milhões de habitantes entre 1680 e 1700 para 55 milhões em 1800). (CHAUNU, 1995a, passim).

³ Em 1680 a expectativa de vida era de 33 anos para os homens e 33,6 para as mulheres; em 1730 era de 44,8 para os homens e 48,2 para as mulheres; em 1780 era de 47,8 para os homens e 55,4 para as mulheres. Nestes dados incluem-se as mortes violentas (CHAUNU, 1995a, passim).

⁴ A Flandres e o Brabante ultrapassam a marca de 50% de povoamento urbano. A Espanha tem uma média de população urbana entre 20% e 25. A Inglaterra no início do século tem 30% e no final entre 40% e 50%. A França é a única que se mantém rural: apenas 16% da população vive nas cidades (CHAUNU, 1995a, passim).

poderia durar até 120 dias. Essa diminuição provocou uma melhoria nas comunicações e uma redução nos custos das viagens.

Tais conquistas forneceram as condições necessárias para a verdadeira revolução ocorrida no século XVIII: a *Civilização Escrita*. A partir de 1730, uma fração não desprezível da população, incluindo-se aí as classes mais baixas, adquire um nível de leitura eficaz. A Inglaterra, por exemplo, em 1675 já atingia o nível de 45% da população alfabetizada. “A Europa das Luzes ganhou à civilização escrita dez vezes mais homens do que o século XVI tinha conseguido” (CHAUNU, 1995a, p. 145). Sem isso, impossíveis seriam tanto o Iluminismo quanto a Revolução Industrial.

Rousseau foi um dos beneficiários dessa nova situação. Filho de um humilde relojoeiro, aos seis anos de idade fora apresentado ao universo das letras⁵. Fato que lhe marcou profundamente.

Não sei como aprendi a ler; só me lembro de minhas primeiras leituras e do efeito que tiveram sobre mim: é daquele tempo que eu dato, sem interrupção, a consciência que tenho de mim mesmo. Minha mãe havia deixado alguns romances. Meu pai e eu começamos a lê-los depois do jantar, inicialmente apenas com a idéia de utilizar alguns livros divertidos para eu praticar a leitura. Mas logo nos interessamos tanto por eles que líamos sem cessar, revezando-nos, durante a noite inteira. Não conseguíamos jamais parar antes de chegar ao fim de um volume. E, algumas das vezes, meu pai, escutando as andorinhas ao romper da aurora, dizia com uma expressão encabulada: Vamos para a cama; sou mais criança que você. (ROUSSEAU, 2001, p. 08)

O crescente número de pessoas alfabetizadas potencializa as conquistas do século XVIII. Antes desse fato, toda inovação em qualquer que fosse a área, levava anos, até séculos, para ser difundida. Com a civilização da escrita, esse tempo é reduzido para meses, no máximo décadas. Outra mudança significativa, decorrente da difusão da leitura, é a alteração no tradicional modo de aprendizagem, o ‘ver-fazer’, ‘ouvir-dizer’ cede lugar ao ‘ler-aprender’. O artesão ainda aprende seu ofício vendo seu mestre, mas é com a leitura que ele torna suas mãos mais hábeis e eficazes.

⁵ Os dados sobre a biografia foram retiradas do livro “Les confessions de JJ Rousseau” e do texto de Olga Pombo: “Bibliografia de Rousseau”.

A leitura é o novo veículo da aprendizagem, em pouco tempo será o principal. Veja-se o caso de Jean Ranson⁶, próspero comerciante do século XVIII da cidade de La Rochelle que buscou nos livros, e mais especificamente em Rousseau, a melhor forma de lidar com sua vida pessoal.

Nos arquivos da *Société Typographique de Neuchâtel* (STN), importante editora suíça de livros franceses no período pré-revolucionário, foram encontradas quarenta e sete cartas de autoria de Ranson destinadas ao editor da STN Frédéric-Samuel Ostevald, seu antigo professor na escola secundária de Neuchâtel, a quem se ligara fortemente. Segundo Darnton, em tais cartas, além das encomendas de livros, Ranson falava de seus interesses literários e de sua vida pessoal, sendo possível, desta maneira, formar uma ideia geral dos gostos e hábitos de leitura do jovem comerciante.

Dentre os autores mais lidos por Ranson, Rousseau ocupa lugar de grande destaque. Ranson era o que hoje chamaríamos de *fã numero um*. Lia tudo de Rousseau e sobre Rousseau, até mesmo boatos e fofocas; conhecia a vida pessoal dele e chamava-o de *l'Ami Jean-Jacques*, apesar de apenas conhecê-lo por seus escritos. Em uma carta solicita à um amigo que envie informações sobre Rousseau:

Embora eu lhe tenha implorado repetidas vezes, *Monsieur*, para me enviar notícias de *l'Ami Jean-Jacques*, por quem me interesse tanto, o senhor é tão cruel a ponto de nada dizer a seu respeito. Não teve a oportunidade de vê-lo e de se beneficiar de algumas poucas palavras com ele, em Paris? Insisto em que me conte tudo, assim que for possível, do contrário ficarei ressentido. (RANSON apud DARNTON, 1986, p. 302)

Quando da morte de Rousseau, escreveu ele:

Então, *Monsieur*, perdemos o sublime Jean-Jacques. Como me dói jamais o haver visto nem o ouvido falar. Fiquei com a mais extraordinária admiração por ele, lendo seus livros. Se, algum dia, eu viajar até as proximidades de Ermenonville, não deixarei de visitar seu túmulo e, talvez, derramar algumas lágrimas sobre ele. (RANSON apud DARNTON, 1986, p. 304)

⁶ Todas as informações sobre Ranson foram tiradas do livro de DARNTON.

Para Ranson, Rousseau era muito mais que um autor ao qual ele tinha uma extraordinária admiração, era através de seus livros que aprendia a agir. Após casar-se escreveu:

Envio-lhe meus mais calorosos agradecimentos por seus bons votos referentes ao meu novo estado. [...] Tudo que l' Ami Jean-Jacques escreveu sobre os deveres dos maridos e esposas, de mães e pais, teve um profundo efeito sobre mim; e confesso-lhe que me servirá como norma, em qualquer destes estados que eu deva ocupar. (RANSON apud DARN-TON, 1986, p. 303)

Depois do nascimento de sua filha, escreveu: “Minha esposa me fez pai de uma menina, que passa muito bem e **está sendo amamentada pela mãe**, com o maior sucesso” (RANSON apud DARNTON, 1986, p. 304. destaque nosso). Em outra carta, afirmou: quanto prazer sinto em observar esta jovem criatura crescer! Quanta felicidade terei, se ela continuar a viver e se, pela boa educação, eu puder **extrair o máximo de bondade de sua natureza**” (RANSON apud DARNTON, 1986, p. 307. Destaque nosso). Claras referências aos princípios constantes no Emílio. Em suma, Ranson entrou no casamento e na paternidade através da leitura dos livros e era através da leitura que ele acreditava fazer de seus filhos outros Emílios e Sôphias.

Essa situação era uma grande novidade, e aos poucos se tornava algo comum. Outro fã de Rousseau, após a leitura de *La Nouvelle Héloïse*, escreveu para o mesmo o seguinte: “Sinto-me uma pessoa melhor, desde que li seu romance, que espero não seja um romance” (DARNTON, 1986, p. 318). Um outro, também após a leitura do mesmo romance, redigiu uma carta dirigida a Rousseau, na qual se lêem praticamente as mesmas ideias que nas de Ranson.

Sinceramente comprometido com uma jovem esposa, aprendi com o senhor, e ela também, que estamos unidos pelo mais terno amor – e não, como pensávamos, por uma simples ligação baseada no hábito de vivermos juntos. Com a idade de vinte e oito anos, sou pai de quatro filhos e seguirei suas lições para transformá-los em homens – não o tipo de homem que se vê por toda parte, em torno, mas o tipo que vemos apenas no senhor. (DARNTON, 1986, p. 317)

Enfim, numa Europa geograficamente maior, economicamente mais próspera, habitada por um número maior de pessoas, que vivem mais e melhor e que são

cada vez mais “esclarecidas”, nada tão natural quanto a existência de um profundo e largamente difundido otimismo.

É neste clima que, em 1749, a Academia de Dijon, para seu prêmio de moral, propôs a seguinte questão: “*O restabelecimento das ciências e das artes terá contribuído para aprimorar os costumes?*”.

Rousseau toma conhecimento da questão proposta pela academia de Dijon quando se dirigia a Vincennes, no intuito de visitar seu amigo Diderot que lá se encontrava preso. Possuído por um intenso entusiasmo, escreve a lápis, ainda na estrada, sentado sob um carvalho, a prosopopéia de Fabrício⁷. Ao chegar a seu destino, narra ao amigo o ocorrido, este o aconselha a concorrer ao prêmio. Sobre a composição do que será mais tarde chamado de *Discours sur les Sciences et les Arts*, diz:

Com a mais inconcebível rapidez, os meus sentimentos puseram-se em uníssono com as minhas ideias. Todas as minhas paixões foram abafadas pelo entusiasmo da verdade, da liberdade, da virtude [...] Trabalhei o discurso de uma maneira bastante singular, que quase sempre segui nas minhas outras obras. Consagrei-lhe as insônias das minhas noites. Na cama, meditava de olhos fechados, e com incrível dificuldade moía e remoía na cabeça os meus períodos: depois, quando conseguia achar-me satisfeito com eles, alojava-os na memória até que pudesse transladá-los ao papel. (ROUSSEAU, 2001, p. 351)

Em bem pouco tempo o discurso ficou pronto. Rousseau entrega-o na academia e com ele consegue nada menos que o primeiro lugar, obtendo, assim, a fama e a

⁷ Oh Fabrício que pensaria vossa grande alma, se, por desgraça vossa, chamado novamente à vida, vísseis a face pomposa dessa Roma salva por vosso braço, e que vosso nome respeitável ilustrou mais do que todas as suas conquistas? "Deuses! - diríeis, - em que se transformaram aqueles tetos de colmo e os lares rústicos outrora habitados pela moderação e a virtude? Que esplendor funesto sucedeu à simplicidade romana? Que linguagem estranha é essa? Que costumes efeminados são esses? Que significam essas estátuas, esses quadros, esses edifícios? Insensatos, que fizestes? Vós, senhores das nações, vos tornastes escravos dos homens frívolos que vencestes! São os retóricos que vos governam! Foi para enriquecer os arquitetos, os pintores, os estatuários e os histriões que regastes com o vosso sangue a Grécia e a Ásia! Os despojos de Cartago são a presa de um tocador de flauta! Romanos, apressai-vos a derrubar esses anfiteatros; quebrai esses mármore, queimai esses quadros, expulsai esses escravos que vos subjugam, e cujas artes funestas vos corrompem. Que outras mãos se ilustrem por vãos talentos; o único talento digno de Roma é o de conquistar o mundo e nele fazer reinar a virtude. Quando Cinéias tomou o nosso senado por uma assembléia de reis, não o deslumbrou uma pompa vã nem a eloqüência rebuscada; não ouviu essa eloqüência frívola, estudo e encanto dos homens fúteis. Que viu, pois, Cinéias de tão majestoso? Oh cidadãos! viu um espetáculo que jamais poderão dar as vossas riquezas e as vossas artes, o mais belo espetáculo que jamais foi visto sob es céus a assembléia de duzentos homens virtuosos, dignos de comandar em Roma e de governar a terra. (ROUSSEAU, 1996, p.14)

notoriedade que tanto almejava. Não obstante todo o sucesso alcançado e toda crítica favorável ao seu primeiro trabalho de cunho filosófico, as impressões que o jovem escritor tem sobre ele não são muito boas:

A esta obra, cheia de valor e de força, falta, porém, em absoluto lógica e ordem; de todas as que me saíram da pena, é a de mais fraco discernimento e a mais pobre em número e harmonia; contudo, por mais talento com que se nasça, a arte de escrever não se aprende de golpe. (ROUSSEAU, 2001, p. 352)⁸

Se por um lado a obra em questão apresenta tais características, por outro, a reação tempestuosa ao aparecimento inopinado da questão, o entusiasmo apaixonante com o qual é escrita a resposta, os princípios – verdade, liberdade e virtude – que a fazem surgir e seu conteúdo “fraco” e “pobre” revelam muito sobre a personalidade de seu autor e conferem força e calor a este discurso que, segundo François Bouchardy, é uma declaração pública de ruptura e engajamento consecutivos a uma revolução interior⁹.

No prefácio, Rousseau (1996, p. 4) diz ser a questão uma das mais belas e importantes, jamais proposta. Que ela não trata das sutilezas metafísicas que invadiram todas as partes da literatura, das quais as academias nem sempre estão isentas; mas de uma dessas verdades que se relacionam com a felicidade do gênero humano. Que sua resposta será universalmente censurada, visto que, se chocará com tudo aquilo que é admirado pelos homens. Contudo, não é de seu interesse escrever para agradar aos belos espíritos nem à gente da moda.

O Discurso principia justamente com um esclarecimento cauteloso sobre a posição tomada. Perguntando-se qual partido deveria tomar, responde: “Aquele, senho-

⁸ Na nota de advertência que abre o discurso, Rousseau é ainda mais duro em sua avaliação sobre o mesmo: Qu'est-ce que la célébrité? Voici le malheureux ouvrage à qui je dois la mienne. Il est certain que cette pièce qui m'a valu un prix et qui m'a fait un nom est tout au plus médiocre et j'ose ajouter qu'elle est une des moindres de tout ce recueil. Quel gouffre de misères n'eût point évité l'auteur, si ce premier livre n'eût été reçu que comme il méritait de l'être? Mais il fallait qu'une faveur d'abord injuste m'attirât par degrés une rigueur qui l'est encore plus. (ROUSSEAU, 1996, p. 2)

⁹ il lui [le discours] a reconnu cependant une importance considérable, À certains égards exceptionnelle, parce qu'il y déclarait publiquement une rupture et un engagement consécutifs à une bouleversement intérieur qui sana conférer au style toutes qualités lui donnait du moins force e chaleur. (BOUCHARDY, 1996, p. XXVII)

res, que convém a um homem de bem que nada sabe e que como tal não se estima menos” (ROUSSEAU, 1996, p. 5) – que é estar ao lado da verdade. Apesar do que ele está a fazer ser uma censura à ciência, o que se faz não é maltratá-la, mas defender a virtude perante homens virtuosos.

Essa explicação visa também deixar claro os princípios nos quais irá se fundamentar para responder a questão de Dijon. Em sua réplica ele não toma por base os princípios racionalistas, técnicos e científicos do iluminismo, que de certa forma ele até desdenhará. Para alcançar seus objetivos tomará como fundamento uma ética do sentimento de inspiração greco-romana. Inspiração que é bem demonstrada com a prosopopeia de Fabrício e as constantes referências a Esparta, bem como pelo fato de ele adotar Sócrates e Catão¹⁰ como modelos dessa virtude.

Tomadas as devidas precauções, afirma (ROUSSEAU, 1996, p. 6) ser um grande e belo espetáculo ver o homem dissipar, com as luzes de sua razão, as trevas nas quais a natureza o envolvera; elevando-se, dessa forma, acima de si mesmo; percorrendo a passos de gigante a vasta extensão do universo; e, o que ainda é mais importante e difícil, entrar dentro de si e conhecer sua natureza, seus deveres e seu fim.

Tal elogio não representa uma mera adulação aos que serão censurados nem constitui uma tirada irônica; é antes o ponto de partida para sua resposta negativa. O bem que o saber promoveu demonstra, antes de qualquer coisa, a existência de um saber verdadeiro, capaz de promover a felicidade. Cabe, pois, fazer a distinção entre o saber verdadeiro e o não verdadeiro. Como fazer tal distinção? A essa pergunta, responde com uma metáfora:

O habitante de alguma região afastada que procurasse formar uma idéia dos costumes europeus sobre o estado das ciências entre nós, sobre a perfeição das nossas artes, sobre a afabilidade dos nossos discursos, sobre as nossas perpétuas demonstrações de benevolência, e sobre essa multidão tumultuosa de homens de toda idade e de todo estado

¹⁰ Sobre Sócrates e Catão, além das constantes referências presentes no Discurso das Ciências e das Artes, há dois textos de autoria do próprio Rousseau muito pouco conhecidos: *O Discurs sur cette question: Quelle est la vertu la plus nécessaire au héros* e *Parallèle de Sócrates et de Caton* que fora escrito entre os anos de 1750 e 1752, mas que só foi publicado pela primeira vez em 1972. Neste último diz: “Se és filósofo, viva como Sócrates, se não és senão um homem de estado viva como Catão”. (ROUSSEAU, 1996, p. 1897).

que parecem ter pressa, desde o amanhecer até ao pôr-do-sol, de se obsequiarem reciprocamente; esse estrangeiro repito, adivinharia exatamente nos nossos costumes o contrário do que eles são. (ROUSSEAU, 1996, p. 9)

Rousseau preconiza que há uma cisão entre os costumes e o caráter de cada indivíduo. Neste “rebanho chamado sociedade”¹¹ ninguém ousa parecer tal como se é; há uma total falta de transparência nas relações interpessoais. “Que ser e parecer sejam diversos, que um véu dissimule os verdadeiros sentimentos, esse é o escândalo inicial com que Rousseau se choca, esse é o dado inaceitável de que buscará a explicação e a causa, essa é a infelicidade de que deseja ser libertado” (STAROBINSKI, 1991, p. 17). O saber verdadeiro é, portanto, aquele que é capaz de promover a unidade entre os costumes e o gênio de cada indivíduo, de modo que não haja uma distinção entre *Ser* e *Parecer*.

As ciências e as artes estariam apartadas desse saber verdadeiro e, além disso, ambas, cada vez mais, estariam aumentando a distância que separa o caráter dos costumes. Partindo dessa ideia, Rousseau desenvolve uma extensa argumentação para afirmar que nossas almas se corromperam à medida que as ciências e as artes progrediam.

De fato, sua argumentação tem mais força e valor que lógica e ordem. Seus raciocínios apenas se sucedem, sem, no entanto, terem um encadeamento lógico entre si. O primeiro, por ele apresentado e chamado por nós de: o argumento do *papel ideológico das ciências e das artes*, parte da seguinte premissa: “A necessidade elevou os tronos, as ciências e as artes consolidaram-nos” (ROUSSEAU, 1996, p. 7). Assim, enquanto o papel do Governo e das Leis seria o de atender à segurança e ao bem-estar, as ciências e as artes fazem com que aqueles sejam amados. Ele conclui que, dessa maneira, o sentimento original de liberdade é abafado e os homens tornam-se *Escravos Felizes*.

O segundo argumento é uma indução fraca, que poderíamos chamar de o argumento *histórico*. Enquanto o Egito, Atenas, Roma e a China se mantiveram como povos simples e ignorantes sua grandeza e riqueza aumentavam, mas, na medida em que passaram a cultuar o Saber, tornavam-se cada vez mais decadentes, até a derrocada

¹¹ Ce troupeau qu'on appelle société (ROUSSEAU, 1996, p. 8).

final com seu desaparecimento ou subjugação. Por outro lado, os persas, os citas, os germanos e espartanos, por rejeitarem o Saber, sempre se mantiveram gloriosos.

Em defesa desse raciocínio, Rousseau lança mão de um argumento de autoridade ao citar Sêneca – “Depois que os sábios começaram a aparecer entre nós os homens de bem desapareceram” (SÊNECA apud ROUSSEAU, 1978, p. 340) – e Sócrates e sua conclusão sobre a afirmação do oráculo de Delfos¹².

O terceiro argumento é o da *origem nos vícios*. Para Rousseau a ciência não nasce de qualquer virtude nem do desejo desinteressado de conhecer, ela tem sua origem em nossos vícios, em especial o da vaidade.

De fato, seja folheando os anais do mundo, seja suprimindo crônicas incertas com pesquisas filosóficas, não se encontra uma origem dos conhecimentos humanos que corresponda à ideia que a respeito gostamos de formar. A astronomia nasceu da superstição; a eloquência, da ambição, do ódio, da adulação, da mentira; a geometria, da avareza; a física, de uma vã curiosidade; todas, e a própria moral, do orgulho humano. As ciências e as artes devem seu nascimento aos nossos vícios: duvidaríamos menos das suas vantagens, se o devessem às nossas virtudes. (ROUSSEAU, 1996, p. 17)

Dessa argumentação deriva seu quarto e último argumento: *da consequência da origem viciosa*. Tendo uma origem viciosa, a ciência apenas produz vícios, tais como: o luxo, a corrupção do gosto e a debilidade da coragem.

Só existindo nas sociedades onde a ciência e a arte é cultuada, o luxo, apesar de ser a representação material do esplendor de um Estado, é antes uma demonstração da decadência moral desse Estado, pois, em situações como esta, o indivíduo não vale pelo que ele ‘É’, mas pelo que ele é capaz de consumir, pelo que ‘Parece Ser’.

¹² Para saber se o oráculo estava com a razão ao afirmar que ele era o mais sábio dos homens, Sócrates sai às ruas perguntando a todos, do General ao cidadão comum, sobre seus conhecimentos. Dessa investigação percebeu que todos os cidadãos atenienses apenas possuíam a aparência do saber e muito se orgulhavam disto, isto o levou a concluir que de fato o oráculo falara a verdade, pois ele realmente era o mais sábio, não porque soubesse mais que os outros, mas por ser o único a saber que não sabia de nada. Vide: Platão. **Apologia de Sócrates**; Críton. Lisboa: Edições 70, 2002.

Em uma sociedade de aparência o gosto é corrompido, pois os artistas não produzem segundo a inspiração das musas, mas segundo a inspiração da vaidade; o desejo de aplausos e riqueza é o que move inspira os artistas, e aquele que por seu espírito se recusa a seguir os modismos de sua época morreria a míngua.

O luxo e as comodidades que a ciência oferece debilita a coragem, “essa natural disposição para enfrentar os perigos, as dores e as adversidades é enfraquecida” (ROUSSEAU, 1996, p. 19). Como diria Bezerra da Silva: “Você com revólver na mão é um bicho feroz, sem ele anda rebolando e até muda de voz”¹³.

Além desses vícios, a ciência e as artes produzem outros de maior gravidade. Na sociedade do *Parecer Ser*, a educação é insensata, pois orna o pensamento sem dar-lhe uma verdadeira capacidade de julgar. Tal educação apenas ensina o que devemos esquecer.

Se a cultura das ciências é prejudicial às qualidades guerreiras, ainda o é mais às qualidades morais. Desde os nossos primeiros anos, uma educação insensata orna o nosso espírito e corrompe o nosso julgamento. Vejo, por toda parte, imensos estabelecimentos onde se educa a juventude por preços exorbitantes, para lhe ensinar todas as coisas, exceto os seus deveres. Vossos filhos ignoram a sua própria língua, mas falarão outras que não se usam em parte alguma; saberão fazer versos que mal poderão compreender; sem saber separar o erro da verdade, Possuirão a arte de os tornar irreconhecíveis aos outros por meio de argumentos especiosos; mas, as palavras magnanimidade, equidade, temperança, humanidade, coragem, eles não saberão o que são; o doce nome de pátria jamais lhes impressionará os ouvidos; e, se ouvirem falar de Deus, será menos por apreendê-lo do que por temê-lo. Eu preferiria que meu aluno passasse o tempo a jogar a péla pelo menos, o corpo se sentiria mais bem disposto. Sei que é preciso ocupar as crianças e que a ociosidade é para elas o perigo que mais se deve temer. Que é necessário, então, que aprendam? Eis aí uma bela questão. Que aprendam o que devem fazer sendo homens, e não o que devem esquecer. (ROUSSEAU, 1996, p. 24)

Em nossa sociedade, os indivíduos que praticam as ciências e as artes gozam de privilégios que a grande maioria não tem, gerando uma relativa desigualdade, que é ainda maior se levarmos em consideração não apenas os indivíduos, mas os Estados. O

¹³ SILVA, Bezerra da. **Bicho Feroz**. Disponível em: <<http://portalamazonia.globo.com/letrasdemusica.php?idM=2795>>. Acessado em: 30 out 2014.

que pensar das nações Europeias diante dos povos africanos e americanos na época em que Rousseau escreveu este discurso?

Esse privilégio de que gozam as pessoas ligadas à ciência causa *o vício da preferência dos talentos agradáveis aos úteis*. Com essa vantagem tem-se um número cada vez maior de especialistas, em detrimento do número de cidadãos. Se por um lado a especialização permite maiores avanços nos conhecimentos científicos e artísticos, por outro diminui a capacidade do indivíduo perceber algo além daquilo em que se especializa, como diz o adágio popular: “um especialista é alguém que sabe muito sobre nada”, com isto fica diminuída sua capacidade de julgar o mais útil à sociedade, isto é, sua dimensão coletiva.

Deixando de lado as inconsistências existentes na argumentação, há em todos os argumentos um ponto em comum: As ciências e as artes promovem um distanciamento do Ser Humano da Virtude e da vida em sociedade e promovem o *Parecer Ser*. Elas fortalecem o Poder e não a Liberdade; são a causa de vícios e não virtudes; com o luxo estimulam o desejo do aparente; com a corrupção do gosto não promovem a pessoa, mas o personalismo; enfraquecem a coragem; a educação é ornamental; corrompem a igualdade natural e, por fim, diminuem a capacidade de julgar e a autonomia do Ser Humano. Em resumo, as ciências e as artes afastam o Ser Humano de sua Natureza¹⁴, tiram-lhe a Liberdade, a Igualdade e a Autonomia, e, em troca, lhe dá apenas vícios.

Após essa argumentação, é difícil não supor uma condenação absoluta das ciências e das artes por parte de Rousseau. Aliás, a imagem de pensador avesso ao progresso e à sociedade é ainda uma imagem comum que se tem do filósofo genebrino.

Todavia, essa reprovação não se dá, nem neste discurso, nem em toda sua obra. No final da primeira parte deste discurso ele se pergunta se a ciência e a virtude seriam incompatíveis e propõe, como forma de responder a este questionamento, que as ciências e as artes sejam consideradas em si mesmas.

¹⁴ Rousseau abordará o conceito de Natureza e de Natureza Humana, sobretudo, em seu *Discurso sobre a desigualdade* e em seu livro *Emílio ou da educação*.

Ora, se as ciências e as artes têm origem em nossos vícios, como foi dito, a causa primeira da corrupção de nossas almas deve-se aos nossos vícios. As ciências e artes seriam apenas um reforço para uma corrupção já existente, como bem demonstram tanto o argumento do *papel ideológico* quanto o argumento *histórico*. A corrupção não é um privilégio da sociedade setecentista, ela se deu, em todos os tempos, em toda sociedade que preferiu o saber à simplicidade. Dessa forma, conclui-se que a incompatibilidade entre Saber e Virtude é antes aparente.

Com isso, ele retoma sua ideia inicial de que há um saber verdadeiro, capaz de conduzir os Seres Humanos à Felicidade. Isto ele faz através de outra metáfora:

A providência eterna, colocando ao lado de diversas plantas nocivas outras salutares, e na substância de muitos animais malfeitores o remédio a suas feridas, ensinou aos soberanos, que são seus ministros, a imitar sua sabedoria. Foi graças ao seu exemplo que do próprio seio das ciências e das artes, fontes de mil desregramentos, esse grande monarca cuja glória, de idade em idade, adquirirá novo brilho, tirou essas sociedades célebres encarregadas, ao mesmo tempo, do perigoso depósito dos conhecimentos humanos e do depósito sagrado dos costumes, pela atenção que têm em manter em si mesmas toda pureza, e em exigí-las nos membros que recebe. (ROUSSEAU, 1996, p. 26)

Se por um lado ciência e arte são a causa da corrupção dos costumes, por outro são também o remédio para tal mal, como é ensinado pela natureza. Podem elas, ao invés de afastar da Virtude o Ser Humano, conduzir este àquela. Por que isso não ocorre? Por que há na sociedade uma separação entre Poder, Saber e Virtude.

Enquanto o poder estiver de um só lado, as luzes e a sabedoria sozinhas do outro, os sábios raramente pensarão grandes coisas, os príncipes mais raramente farão belas, e os povos continuarão a ser vis, corruptos, e infelizes. (ROUSSEAU, 1996, p. 30)

Com tais investigações, ele conclui que o Saber não iluminado pela Virtude é antes trevas que luz, e trevas mais espessas que as da ignorância e da superstição, pois o Saber apartado da Virtude corrompe o Ser Humano. Porém, o verdadeiro responsável pela corrupção da alma humana não é o Saber em si mesmo, mas o modo como a sociedade, e em particular quem detém o poder, lida com o Saber.

Retomando sua inspiração greco-romana, afirma que os antigos políticos falavam, sem cessar, de costumes e de virtude enquanto que os de sua época só falam de comércio e de dinheiro. Com isso, fica claro quem pretende maltratar. Através da censura às ciências e às artes, em especial às ciências, pois quase tudo o que distingue a sociedade nascente deve-se às conquistas científicas¹⁵, Rousseau tacitamente condena a Sociedade que estava em formação, fruto da aliança entre a burguesia e o esclarecimento. Se por um lado a sociedade do século XVIII representava um avanço em relação às anteriores, por outro o rumo que estava tomando não fazia dela uma sociedade efetivamente melhor, visto que continuava a promover o aparente, continuava tirando do Ser Humano sua liberdade e fazendo dele um ser infeliz.

Ainda fiel a sua inspiração, Rousseau procurou viver como Sócrates¹⁶, dando testemunho vivo de seus princípios. Se é verdade que ele foi contraditório por ter colocado seus cinco filhos na roda dos enfeitados e depois ter escrito o *Emílio*, também é verdade que, enquanto todos os outros *Philosophes* viviam sob os auspícios de governantes e/ou mecenas, ele guardou, na medida do possível, sua liberdade, mantendo-se independente financeiramente dos poderes constituídos ao viver de cópias de músicas e de seus livros.

Rousseau encerra sua primeira obra filosófica apresentando o princípio ético que guiará o conjunto de suas ideias futuras, colocando-se definitivamente em oposição aos ideais do esclarecimento.

Oh virtude, ciência sublime das almas simples, será preciso então tanto trabalho e tantos aparelhos para te conhecer? Teus princípios não estão gravados em todos os corações? e não bastaria, para ensinar tuas leis, penetrar em si mesmo e escutar a voz da consciência no silêncio das paixões! Eis a verdadeira filosofia, saibamos nos contentar com ela; e,

¹⁵ Quase tudo que distingue o mundo moderno dos séculos anteriores é atribuível à ciência, que obteve os seus triunfos mas espetaculares no século XVII. A renascença italiana, embora não seja medieval, não é moderna; tem mais afinidade com a melhor época da Grécia. O século XVI, com sua preocupação com a teologia, é mais medieval do que o mundo de Maquiavel. O mundo moderno, quanto ao que se refere à perspectiva mental, começa no século XVII. Nenhum italiano da Renascença teria sido ininteligível a Platão ou Aristóteles; Lutero teria horrorizado Santo Tomás de Aquino, mas não lhe teria sido difícil entendê-lo. Quanto ao século XVII, é diferente: Platão e Aristóteles, Aquino e Occam, não conseguiriam ver pés nem cabeça em Newton. (RUSSEL, 1957, p. 45)

¹⁶ Ver nota de roda pé nº09.

sem invejar a glória desses homens célebres que se immortalizam na república das letras, tratemos de pôr entre eles e nós esta distinção gloriosa que se notava outrora entre dois grandes povos: um sabia dizer bem, o outro bem fazer. (ROUSSEAU, 1996, p. 30)

Assim, o gravurista e músico – portanto um homem das artes – que foi à Paris pela primeira vez com a intenção de apresentar à Academia de música francesa um sistema de notação musical, teve seu trabalho rejeitado e, em seguida, critica a sociedade que o rejeitou, lança as bases de um pensamento que fará dele um dos mais importantes filósofos do iluminismo francês. Acreditamos que o real valor desta filosofia só pode ser avaliado a partir de suas obras posteriores, contudo, qualquer apreciação de seu mérito, ou demérito, é incompleta se desconsidera o contexto no qual ela surgiu, as motivações que levaram Rousseau a filosofar, a paixão com a qual ele se entregou a este *métier* e, sobretudo, o fato de que os fundamentos éticos-políticos de todo seu pensamento posterior já estavam presentes, de forma clara, nesta sua primeira obra.

Referências

BOUCHARDY, François. Introductions: Discours sur les Sciences et les Arts. In: ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Oeuvres complètes**. v.III. França: Gallimard, 1996.

CHAUNU, Pierre. **A civilização da Europa das luzes**. 2.ed. Lisboa: Editorial Estampa, 1995a. v. I.

_____. **A civilização da Europa das luzes**. 2.ed. Lisboa: Editorial Estampa, 1995b. v. II.

DARNTON, Robert. **O grande massacre de gatos: e outros episódios da história cultural francesa**. Rio de Janeiro: Graal, 1986.

POMBO, Olga. **Biobibliografia de Rousseau**. Disponível em: <<http://www.educ.fc.ul.pt/docentes/opombo/investigacao/biobibliografia.pdf>>; acessado em 17 out. 2014.

ROUSSEAU, Jean Jacques. Discours sur cette question: Quelle est la vertu la plus nécessaire au héros. In: _____. **Oeuvres complètes**. v.II. França: Gallimard, 2000.

_____. Discours sur les Sciences et les Arts. In: _____. **Oeuvres complètes**. v.III. França: Gallimard, 1996.

_____. **Do contrato social; Ensaio sobre a origem das línguas; Discurso sobre as ciências e as artes; Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens.** São Paulo: Abril Cultural, 1978. (Coleção Os Pensadores)

_____. Les Confessions de J.J. Rousseau. In: _____. **Oeuvres complètes.** v.I. França: Gallimard, 2001.

_____. Parallèle de Sócrates et de Caton. In: _____. **Oeuvres complètes.** v.III. França: Gallimard, 1996.

STAROBINSKI, Jean. **Jean-Jacques Rousseau:** A transparência e o obstáculo (seguido de sete ensaios sobre Rousseau). Tradução de Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, s/d.